

HELENA, SEMPRE HELENA...

Profa. Dra. Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ)

RESUMO: A literatura cria e recria personagens femininos que marcaram gerações, mas nenhuma personagem foi tão “recriada” nem marcou tanto quanto Helena. Este artigo resgata uma dessas recriações, como uma doce lembrança que apazigua os corações: a versão de Eurípides, encenada em 412 a.C. A sedutora, mas traidora Helena passa a ser um ardil divino, pois a verdadeira Helena é virtuosa e não está em Tróia, mas no Egito, esperando que o desígnio dos deuses se cumpra, que Tróia seja destruída e que, finalmente, Menelau a leve de volta ao lar. A Helena de Troia, portanto, não passa de um *eídolon*; reler *Helena* de Eurípides é uma oportunidade de se repensar o lugar dessa personagem na história e na literatura. Essa é a nossa proposta.

Palavras-chave: Troia; Helena; Eurípides; Eídolon

Minha mãe me gerou como uma monstruosidade aos olhos dos homens? Minha vida e minha sorte são monstruosas, em parte por causa de Hera, em parte por minha beleza. Desejaria ter sido apagada, como em um quadro, e ser comum em vez de bela... (Eurípides, Helena)

A nossa cultura ocidental tem uma tríplice coluna de sustentação, construída com elementos – que ora se mesclam, ora se distanciam – da cultura grega, romana e judaica cristã. Assim como a Eva do Antigo Testamento, ou seu antirreflexo, Lilith, toda humanidade é construída a partir da junção de dois elementos: faz-se necessário o encontro: barro e sopro, costela e mãos, esperma e óvulo, amor e sexo...

Na esfera dos mitos gregos também temos Pandora, aquela que contém todos os dons; mulher cuja *gênesis* é marcada pela junção de elementos positivos e negativos com o objetivo de enfraquecer a humanidade. Todos nós conhecemos a famosa “caixa de Pandora”, mas não conhecemos como a história terminou... porque ela não terminou. Somos todas filhas de Pandoras, estigmatizadas por mitos que obscurecem nosso reflexo.

Quanto à Lilith, embora tenha sido criada da mesma forma que Adão, foi expulsa do Jardim do Éden; Eva, todavia, criada a partir da costela de Adão – carne da sua carne, após o descumprimento da ordem divina, é penalizada com o sofrimento

físico e com a submissão. Do mesmo modo Pandora, confinada em sua perfeição, por possuir todos os dons, também foi penalizada a conviver com a imperfeição de um estigma e de um relacionamento forjados pela imposição e desejos de uma divindade.

E Helena, em quais desses contextos pode ser inserida?

A história de Helena se distancia do seu homônimo masculino, Heleno, que traz no nome a marca de uma nacionalidade, pela diversidade de opiniões acerca da sua trajetória. Helena, assim como Lilith, Eva e Pandora, traz na sua essência, em sua *gênesis*, a união com o divino.

Pierre Grimal (1999: 197) indica três possibilidades para o nascimento de Helena: ser filha de Zeus e Némesis, ser filha de Zeus e Leda (esposa de Tíndaro), ou ainda ser filha de Oceano e Afrodite. A versão mais divulgada e a adotada por Homero é a de que ela é filha de Zeus e Leda, essa versão também é retomada por Eurípidas:

De minha parte, tenho uma pátria generosa – Esparta, e Tíndaro é meu pai.
Publica a fama que Zeus se transformou num cisne alado e desferiu o voo
para Leda, a minha mãe, com quem se uniu, astuto, quando fugia a uma
águia, – se é verdade. Chamam-me Helena; e narrarei agora os males que
sofri. (Helena, de Eurípidas)

A Helena de Homero, aquela que *rhigedanè Heléne* – que faz estremecer ou que causa tremor – traz por onde passa a agonia, como narrado na *Ilíada*:

E ao vislumbrar Helena caminhando pelas muralhas,

Murmuravam entre si com palavras suaves, aladas:

“Quem na Terra poderia culpá-los? Ah, não admira
Que os homens de Tróia e os soldados argivos sofressem
Anos de agonia, tudo por ela, por essa mulher.
Beleza, terrível beleza! (Ilíada 3.185-190)

O cerco de Tróia durou dez anos, mas a imagem desta mulher caminhando por suas muralhas ainda vaga na imaginação de homens e mulheres que não encontraram outro parâmetro humano de beleza e sedução. Contudo a tradição reveste Helena com um manto gerador de devastação e a equipara a uma outra figura mítica, Pandora, pois vinculado aos seus dons de beleza e sedução está a punição divina àqueles que a possuem. E segundo Sartre (1973:76):

Helena entra para a história como um símbolo de beleza e também como uma advertência sobre as terríveis consequências que a beleza é capaz de

trazer – pelos seus belos olhos de morte, os homens não acabaram ainda de se matar nem ainda as cidades de arder.

Porém, se Helena é a causadora de tantos males por que ela mesma escapa ileso no retorno à Esparta?

A resposta pode ser encontrada em uma versão de Eurípides que afirma que a Helena descrita por Homero não era a verdadeira esposa de Menelau. Essa versão desconhecida por muitos, foi representada pela primeira vez em 412 a.C., e diz que Helena não foi a Tróia, mas apenas seu *éidolon*, imagem forjada pelos deuses e entregue a Páris em lugar da suposta esposa infiel de Menelau.

Eurípides utilizou a personagem mítica Helena em oito de suas dezessete peças conservadas: *As Troianas*, *Helena*, *Orestes*, *Ifigênia em Áulis*, *Andrômaca*, *Hécuba*, *Electra* e *Ciclope*.

A Helena, na obra homônima de Eurípides, é apresentada como um modelo de castidade. A esposa de Menelau permanece fiel ao seu marido durante toda a guerra de Tróia. E o mais incrível é que toda a disputa entre gregos e troianos foi por causa de um “fantasma” que desapareceu assim que a verdadeira Helena apareceu e foi reconhecida por seu marido, como nos informa o fragmento a seguir:

Menelau – Ó Paris, que arruinaste a minha casa completamente, eis o motivo que te perdeu e que te perdeu contigo milhares dentre os Gregos de couraça de bronze!

Helena – E eu, infeliz, amaldiçoada por todos! Exilou-me um deus, distante da pátria, -

Longe da cidade, longe de ti, passando por haver deixado (o que não fiz) a casa e o nosso tálamo, no intento de entregar-me a vergonhoso amor.

[...]

Mensageiro – Não é essa a mulher a que causou nossa desgraça diante de Tróia?

Menelau – Não. Não era a mesma. Os deuses enganaram-nos, expondo ao nosso olhar maléfico fantasma.”

Eurípides não foi o primeiro autor a se referir ao *eídolon* – essa versão foi narrada por Estesícoro¹, mas, segundo Junito Brandão (1991:108), Hesíodo teria sido o “primeiro a falar do *eídolon* a propósito de Helena.”

Teria Eurípides conseguido identificar a essência de Helena? Segundo Hughes (2009: 53-54):

Penso que as três encarnações – princesa, deusa e prostituta – tenham tido origem em uma Helena da Idade do Bronze, e que o modelo para a Helena de Tróia tenha sido uma das ricas rainhas espartanas que viveram e morreram na Grécia continental do século XIII a.C., uma mulher que dormia à noite e despertava ao raiar do dia [...] uma mulher tão bem-dotada, tão venerada tão poderosa que parecia estar na companhia dos deuses. Uma mortal que ao longo dos séculos se tornou maior do que a vida.

A Helena de Eurípides lembra a Penélope da *Odisséia*, esposa fiel que aguarda por vinte anos o regresso de Odisseu, entretanto o epíteto de *kuon* – “cadela” – é inúmeras vezes na literatura vinculado à rainha espartana e remete a uma imagem muito forte na cultura clássica, não só pela simbologia sexual associada ao animal, mas pelo contexto bélico vigente em que o número de cães, que ora vagavam pelas cidades, ora se alimentavam dos cadáveres, era muito grande. A Helena de Homero foi comparada a esse animal, pois vagava sem a certeza de sua pátria, responsabilizada por incontáveis mortes e ainda com o fardo de sua sexualidade. Mas, através dos muitos espelhos encontrados em escavações arqueológicas, em cujas bases há a imagem de Helena, podemos perceber que apesar desse viés negativo, muitas mulheres desejavam se olhar no espelho e ver refletida a beleza de Helena, beleza que Isócrates salientou:

Pois [Helena] possuía beleza em grau extremo, e entre todas as coisas a beleza é a mais venerada, a mais preciosa e a mais divina. E é fácil determinar seu poder: pois embora muitas coisas que não possuem os atributos da coragem, sabedoria ou justiça possam ser consideradas mais valiosas do que qualquer desses atributos, ainda assim não encontraremos nada que seja amado entre aquelas que não possuem beleza. (*Elogio de Helena*)

¹Poeta lírico grego que escreveu um poema chamado *Palinódia*. Nele Estesícoro insiste que Helena foi para o Egito e somente seu espectro esteve em Tróia.

Helena, sendo criticada ou elogiada acabou por se tornar, portanto, em um *éidolon* atemporal, perseguido por mulheres de todas as épocas. E como no *Fausto* de Goethe, todos os homens buscam ver Helena em “toda mulher.”

Essa mulher cujo nome é tão forte quanto sua presença ganha uma nova roupagem na obra homônima de Eurípides. Como se uma Helena não fosse suficiente para desmontar uma civilização, Eurípides traz à cena duas Helenas. Há uma verdadeira que é a mulher que Hera, protetora dos casamentos, para livrá-la do rótulo da infidelidade, a conduz ao Egito, à casa do rei Proteu, onde em segurança esperaria a guerra terminar. E há uma segunda Helena que não é nada mais do que um *éidolon*, um fantasma, que foi raptado por Páris e pelo qual os gregos combateram. Menelau a recupera e com ela chega ao Egito, encontrando a verdadeira Helena. Uma nova Helena surge, não mais a de Esparta, nem a de Tróia, mas agora a Helena do Egito, cujo culto Heróroto registra em sua *História*.

Junito Brandão (1989:107) explicita a motivação de Eurípides para escrever tal obra:

Ora, à época em que foi encenada a tragédia em causa, isto é, em 412 a.C., reinava profunda consternação em Atenas, causada pelo desastre da Expedição à Sicília. Buscava-se a qualquer preço manter os farrapos da fracassada paz de Nícias, as preciosas tréguas concertadas por este hábil político e general ateniense entre sua pólis e a belicosa Esparta. Sonhando possivelmente com uma paz definitiva ou ao menos duradoura entre as duas grandes rivais, Eurípides colocou-se acima e além de qualquer preconceito de ordem política e pessoal e simplesmente se converteu num apologista da Lacônia.

O poder do discurso encontrado no texto de Eurípides, funciona como um *phármakone* busca acabar com a “má reputação” de Helena, como nos afirma o seguinte trecho:

Que Helena retorne ao lar, se esta é a vontade dos deuses. Quanto a vós, exultai por haverdes nascido do mesmo sangue que a mais sensata e casta das irmãs. Alegrai-vos pela nobreza de ânimo de Helena – dom raro entre as mulheres. (Helena, de Eurípides)

Poderíamos escrever intermináveis páginas e mesmo assim não conseguiríamos precisar se, de fato, Helena existiu, se era portadora de tal indiscreta beleza ou se não passava de um *éidolon* criado para “enfeitar” o relato histórico. Mas podemos afirmar

que a figura de Helena, real ou imaginária, resgata elementos culturais que imortalizaram essa mulher, independente de sua conduta.

Concluo com as palavras de Hugues (2009: 455) que tão bem sintetizam a Helena de Homero, de Eurípides, de todos os povos, a imortal Helena:

Assim, durante a vida, é perfeitamente possível que Helena tenha transitado por esse mundo com passo leve. E, após sua morte, as lembranças e contos sobre essa criatura incandescente mantiveram vivo seu espírito. No entanto, agora que ela está consolidada como imortal na imaginação popular, ela se transforma em muitas coisas na mente dos homens – uma princesa, uma rainha, uma esposa, uma amante, uma prostituta, uma heroína, uma estrela, uma deusa do sexo. E qualquer que seja seu disfarce, há um que é constante: ela é para sempre Helena – “Eleni”, a refulgente.”

Referência bibliográficas:

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena, o eterno feminino*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- EURÍPIDES. *Helena*. Versão de José Eduardo do Prado Kelly. São Paulo: Agir, 1986.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Portugal: DIFEL, 1999.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- HUGHES, Bettany. *Helena de Tróia - Deusa, Princesa e Prostituta*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SARTRE, Jean Paul. *As troianas*: adaptado de Eurípides. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.